

Franceses querem investir mais no país

Depois da desvalorização, empresas estudam ampliação de negócios no Brasil

• PARIS. Empresários franceses com investimentos no Brasil acompanham com um misto de expectativa e otimismo a recuperação da economia brasileira após a desvalorização do real. A França está entre os quatro maiores investidores estrangeiros no país: só em 1997, foram US\$ 4,6 bilhões, contra US\$ 2,8 bilhões em 1995. São mais de 400 empresas operando no país, como é o caso da Laboratórios Servier (de pesquisa e produção de medicamentos), desde a década de 70 no Brasil, que estuda a transferência e a ampliação de sua fábrica em Petrópolis para Jacarepaguá. Com cerca de dez mil empregados

em mais de cem países, a Servier planeja usar a nova unidade brasileira como base de exportações para o Mercosul:

— A crise é dura, mas não igual às anteriores, e acreditamos na recuperação do país — disse Caroline Charlois, diretora-geral para a América Latina da Servier. — Continuamos confiando no Brasil, onde desenvolvemos também parcerias científicas de pesquisa. Não cogitamos deixar o país.

Empresas usam Brasil como base para exportações

O interesse dos empresários franceses pelo país está tão acentuado que o grupo Gouvêa Vieira

inaugurou ontem um escritório de advocacia em Paris, especializado na assessoria de empresas européias interessadas em investir e participar de concorrências públicas no Brasil. O grupo, que tem entre seus clientes o gigante de comunicações Alcatel, está presente na França desde janeiro do ano passado.

— O escritório em Paris é uma forma de estar mais próximo e de facilitar a relação com os clientes — afirma José Francisco Gouvêa Vieira.

A mesma tática de usar o Brasil como base de exportações está nos planos da Doux, maior exportadora de aves abatidas da Fran-

ça e um dos cinco principais de todo o mundo. O grupo apostou no ano passado no país ao comprar a empresa gaúcha Frango Sul, que já figurava na lista dos maiores exportadores do Brasil.

Investimento é forma de driblar barreiras comerciais

Com o investimento, a Doux buscou driblar restrições de compra de produtos europeus impostas por acordos de comércio. O Brasil foi escolhido, diz François Garaud, responsável pela área jurídica da firma, por ser um concorrente da Doux no Oriente Médio, e empregar técnicas semelhantes às européias. ■